

**JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS
E JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS
SOB OS FILTROS DA CRÍTICA TEXTUAL**

Ceila Maria Ferreira (UFF/ABRAFIL)
ceilamaria@hotmail.com

RESUMO

Este texto foi apresentado numa versão anterior à que aparece aqui nestas páginas, na XV Jornada de Letras: Leituras Entrecruzadas, realizada no Instituto de Letras da UFF, em janeiro deste ano. Trata-se, com pequeníssimas alterações, de um trabalho que apresentei na Mesa de Conferência intitulada: Entre a crítica textual e a literária: Diálogos entre Eça de Queirós e Machado de Assis (essa mesa também contou com a participação da Professora Doutora Flávia Amparo). Neste texto, pretendi fazer uma ponte entre a crítica textual e a crítica literária, como também entre Machado de Assis e Eça de Queirós, buscando sempre dar ênfase à importância da crítica textual para os estudos literários (inclusive para a tradução de textos) e para a preservação e divulgação do patrimônio cultural em forma de literatura em língua portuguesa.

Palavras-chave:

Crítica textual. Crítica literária. Machado de Assis. Eça de Queirós. Tradução.

Falar sobre a obra de Machado de Assis e sobre a obra de Eça de Queirós é uma das formas de fazê-las reviver. Libertá-las, de certo modo, das amarras do tempo. Trazê-las aos dias de hoje, dias tão conturbados pela ideologia do capital e do mercado, que a tudo – ou quase tudo – transforma em ansiedade, mercadoria e morte, principalmente dos sonhos, sim, dos sonhos de construção de uma vida mais autêntica, mais justa, mais plena (de uma plenitude interior que acalenta o corpo, a alma e que nos torna mais humanos, mais próximos de nós mesmos e de tudo o que amamos).

A literatura que – como o Amor – é mais forte que a Morte tem, nas páginas escritas por esses dois autores, marcos incontornáveis: os olhos de ressaca de Capitu; os ciúmes de Bentinho; o encontro de Brás Cubas com Quincas Borba no Passeio Público, no Rio de Janeiro; Rubião soberano, admirando a sua riqueza emoldurada pela enseada de Botafogo; Sofia e o apólogo das rosas; “O Alienista”, “O Espelho”, “Noite de Almirante”; “Uns braços”; “A Causa Secreta”; João da Ega e Carlos da Maia a correrem para apanharem o elétrico, após renunciarem a todos os esforços; Jacinto e José Fernandes a observarem, nas proximidades da

basílica de *Sacré-Coeur*, nos altos de *Montmartre*, a fria Paris, condoídos daqueles que nada têm; André Cavalheiro e Gracinha Ramires a dançarem majestosos, inebriados pelo desejo; Gonçalo e sua memorável novela de memoráveis e vetustos antepassados; “José Mathias”, “A Perfeição”; a figura de Antero, “um gênio que era um santo”, a revolver, com seu braço erguido, as nuvens do céu, a comover e a tornar discípulos aqueles que o ouviam – e os que agora o imaginam – improvisar, nas escadarias da Sé Nova, em Coimbra, berço de liberdade e de tentativa de criação, em língua portuguesa, de um novo mundo e de uma nova literatura que jamais seriam os mesmos depois de Eça de Queirós e depois de Machado de Assis.

E se a literatura é feita de talento, de esforço, de trabalho contínuo e árduo – vem-me a lembrança a imagem de Eça – construída por meio da leitura de um livro – vencendo o silêncio da solidão, quando de sua estada em Newcastle, a reescrever *O Crime do Padre Amaro* e de Machado a superar os abismos provocados pela desigualdade de oportunidades e de distribuição de renda em nosso país por meio do exercício da palavra escrita – ela, a literatura, também é feita das edições que dela são realizadas, assim como da fortuna crítica que sobre ela é erigida.

Quanto às edições, elas transportam os textos para épocas e para espaços distintos daqueles em que eles foram produzidos. As edições permitem que textos saiam das gavetas, dos *hardwares* dos computadores, dos *pen-drives*, dos cds e, para além de seus autores, emocionem: façam mover as pessoas – muitas vezes, sem que elas saiam das cadeiras em que estão sentadas –, ajudando tais pessoas a se encontrarem consigo mesmas e a enxergarem melhor o mundo em que vivem.

Já dizia Afonso Romano de Sant’Anna (e peço aqui licença para fazer uma citação de cabeça), que a grande literatura é uma literatura de autoajuda. Por meio de textos literários, temos uma espécie de passaporte para conhecemos mais profundamente o significado do verbo compreender, assim como do verbo viver. Mas, para termos acesso a esses textos, precisamos que alguém os publique, que os faça circular, que os distribua, que os divulgue e também que críticos literários, escritores, professores universitários, graduandos, mestrandos e doutorandos escrevam sobre eles e que os leitores os leiam. Ou seja, que sejam inseridos no sistema literário e no mundo das letras.

Em boa parte do mundo que pensa e que sonha em português, Machado de Assis e Eça de Queirós são reconhecidos como grandes es-

critores. Para muitos, como os maiores escritores de seu tempo e de todos os tempos em língua portuguesa. Contudo, acredito que Eça de Queirós seja mais divulgado no Brasil que Machado de Assis em Portugal, mas esse estado de coisas tem a ver com o pouco empenho que os governos brasileiros têm mostrado em termos de valorização e de divulgação de parte importantíssima de nosso patrimônio cultural – que é a língua portuguesa – para além das fronteiras do nosso país. A demora na efetivação do Instituto Machado de Assis muito nos diz sobre isso. Uma iniciativa que, recentemente, foi feita no sentido da divulgação da nossa literatura é a da criação, pela Fundação Biblioteca Nacional, de um programa de bolsas de apoio à realização de traduções que divulguem, no estrangeiro, obras de autores brasileiros. Esperamos que tal programa de apoio dê bons frutos. Todavia, hoje em dia, efetivamente, a ação de professores universitários brasileiros e portugueses (mais portugueses que brasileiros pelo motivo já exposto) que dão cursos no exterior, inclusive nos Estados Unidos, como também a realização e a divulgação de traduções de obras de Machado de Assis e de Eça de Queirós no estrangeiro, contribuem para que esses dois grandes autores estejam sendo mais lidos por críticos de outras línguas. Nesse sentido, no princípio deste século em que vivemos, mais precisamente no ano de 2002, saiu, nos Estados Unidos, um livro do crítico literário e professor universitário Harold Bloom, cujo título era: *Genius: a mosaico of one hundred exemplar creative minds* (na tradução para o português do Brasil, saída pela Objetiva, em 2003: *Gênio: os cem autores mais criativos da história da literatura*). Pois bem, nesse livro, o prestigioso crítico norte-americano faz uma seleção, nas palavras dele próprio, “[...] totalmente arbitrária e idiossincrática”, e forma: “[...] um mosaico dos gênios da linguagem [...]” (BLOOM, 2003, p. 11). Entre esses gênios selecionados por Harold Bloom estão Machado de Assis e Eça de Queirós (Camões e Pessoa também estão). Dos autores selecionados, Harold Bloom tece calorosos elogios.

De Eça, Harold Bloom fala mais detidamente sobre *A Relíquia* e abre uma página dizendo que o “[...] principal romancista português, antes de Saramago, nosso contemporâneo, é bastante desconhecido e muito pouco lido no mundo anglófono” (BLOOM, 2003, p. 677). Acerca da presença de Eça no mundo anglófono, cita um livro, saído em 1980, *Eça de Queiros and European Realism*, de Alexander Coleman e a tradução de Aubrey Bell, publicada em 1954, de *A Relíquia*.

De Machado, fala mais detidamente sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sem deixar de mencionar que houve um tempo em que edi-

ções do “mais original dos romancistas brasileiros” circulavam, em inglês, “[...] em traduções inadequadas, situação felizmente agora remediada [...]” e cita algumas das traduções, em língua inglesa, de *Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, todas elas publicadas nos anos noventa do século passado (BLOOM, 2003, p. 688).

E por falar em traduções, é conhecido o caso de uma tradução publicada nos Estados Unidos de *Dom Casmurro* sem nove de seus cento e quarenta e oito capítulos, o que deve ter prejudicado (e muito!) a difusão da obra e do nome de Machado de Assis entre os leitores de língua inglesa.

Sabemos que para termos boas traduções é preciso, sim, que os tradutores tenham boa formação na sua área, além disso, que sejam bem pagos e que tenham o seu trabalho protegido por direitos autorais, mas é necessário – e mesmo fundamental – que eles utilizem edições, na língua de partida, de boa qualidade editorial.

A respeito da importância da qualidade editorial, para a difusão de obras literárias e para a valorização do nome de seus autores, cito aqui palavras de Ivo Castro, professor da Universidade de Lisboa, coordenador da Equipe Pessoa e um dos maiores teóricos, em língua portuguesa, da crítica textual:

Não estamos longe, nas literaturas de língua portuguesa, da situação que desde há décadas é normal no mundo de língua inglesa ou em Itália: um escritor, antigo ou moderno, não é verdadeiramente respeitável enquanto não tiver sua obra coada pelos filtros da edição crítica (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 176).

No Brasil, apesar do que lemos na citação acima, ainda temos, lamentavelmente, poucas edições críticas e a crítica textual, a despeito de sua inegável importância, não é disciplina obrigatória na maior parte das universidades em nosso país. Todavia, a crítica textual apresenta – a quem dela se aproxima – uma ideia mais clara a respeito da história da transmissão dos textos e de sua produção, em alguns casos, quando ainda esses textos eram esboços ou rascunhos na mesa de seus autores, além de ajudar a desfazer o conceito corrente de que os textos escritos são imutáveis (*verba volant, scripta manent*) pois eles, à medida que são publicados, que são legados a novas gerações, vão sendo modificados muitas vezes por seus próprios autores e/ou por terceiros, como editores, revisores, tipógrafos etc.

Costumo dizer que a divulgação da crítica textual ajuda a amenizar a propagada visão de que os textos são fixos (ora, meus caros e mi-

nhas caras, nada é imune a passagem do tempo que a tudo transforma...) como também ajuda a pensar na historicidade da edição de textos e a ver a obra como uma etapa (frequentemente, a final) do processo de criação literária.

Quanto a edições críticas das obras de Machado de Assis e de Eça de Queirós, no final da década de cinquenta do século XX, foi instituída pelo governo JK a Comissão Machado de Assis “[...] com a finalidade de elaborar o texto definitivo das Obras de Machado de Assis [...]”, por aquela altura, já consideravelmente alterado (MACHADO DE ASSIS, 1977, p. 5). Tal Comissão publicou vários volumes, inclusive uma memorável edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, porém não concluiu os seus trabalhos. Não editou *Papéis Avulsos* nem *Páginas recolhidas*, além de uma parte da obra póstuma do autor de *Quincas Borba*.

De *Papéis Avulsos*, um dos principais livros de contos de Machado de Assis, estamos preparando – com a ajuda de alunos e ex-alunos da UFF – uma edição crítica pelo LABEC, o Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense.

Estamos na fase de revisão do texto crítico e no da preparação do aparato crítico de comentários e de variantes autorais e de terceiros.

De Machado, há ainda uma edição crítica e genética, preparada por Ana Cláudia Suriani da Silva, publicada pela Editora da UNICAMP, em 2003, do conto “Linha reta e linha curta”.

De Eça, além da edição crítica de responsabilidade de Helena Cidade Moura, publicada na década de sessenta do século XX, está em curso a publicação da edição crítica de suas obras, coordenada por Carlos Reis, professor catedrático da Universidade de Coimbra e um dos maiores especialistas vivos da obra de Eça de Queirós. Desse projeto de edição crítica já foram publicados vários volumes. Tal trabalho vem contribuindo para levar ao conhecimento do público leitor o modo de produção literária do autor de *A Ilustre Casa de Ramires*, além de textos mais próximos da última vontade materializada pelo autor. Há quem diga que a partir dos trabalhos da Equipe Eça está surgindo um novo Eça e um novo cânone queirosiano.

Na Equipe Eça, estamos preparando a edição crítico-genética das narrativas de viagens que tem como texto-base o manuscrito autógrafo de Eça de Queirós.

Quanto ao diálogo entre a crítica textual e a crítica literária, ele é

bastante fecundo e mesmo imprescindível.

A crítica textual pode fornecer à crítica literária textos mais confiáveis em termos de qualidade editorial. E tal qualidade é essencial para que os críticos literários tenham bases mais seguras para as suas leituras, suas pesquisas e não corram riscos de escrever a partir de edições corrompidas. Além disso, a crítica textual, no seu amplo trabalho de pesquisa histórico-literária em busca de um maior conhecimento do texto, de sua transmissão e de sua tradição direta e indireta, vai trazer novamente a luz textos pouco conhecidos ou que foram esquecidos com o passar dos tempos. No caso do diálogo entre Machado de Assis e Eça de Queirós, vai trabalhar com a crítica que Machado de Assis fez, no periódico *O Cruzeiro*, sobre *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*, em 1878, que, tanto influenciou Eça de Queirós, segundo Alberto Machado da Rosa, na altura, Professor da Universidade de Madison (EUA).

Realmente, na sua reescritura, publicada em 1880, de *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queirós fez várias modificações, inclusive as sugeridas pelo escritor e crítico brasileiro, como a alteração do final do livro e a retirada de passagens que traziam o forte reflexo da influência de Émile Zola.

Para alguns críticos literários, Machado também foi muito influenciado pela literatura de Eça de Queirós, particularmente, pela publicação de *O Primo Basílio*, em 1878.

Outra questão importante acerca do diálogo da crítica textual com a crítica literária é que a crítica textual, como uma espécie de arqueologia dos textos e no exercício de construção de comentários explicativos traz assuntos, temas, nomes que foram silenciados muitas vezes por leituras que foram protegidas e divulgadas muitas vezes pelo que podemos chamar de estruturas do poder dominante.

No caso de Machado de Assis, esse tipo de exumação estaria mais ligado à pesquisa e ao estudo de suas cartas, ao exame de suas críticas ao Realismo, da classificação de sua obra como vinculada à Escola Realista do século XIX, à busca de novas fontes primárias para o estudo da sua biografia e à procura de manuscritos autorais e de provas tipográficas machadianas em arquivos no Brasil e no exterior.

No caso de Eça de Queirós, estaria voltado, por exemplo, para a divulgação da forte relação da sua literatura com a sua atuação político-cidadã de forte matiz socialista, o que certamente valoriza (e muito!) a

imagem do artista, do intelectual engajado com a transformação do mundo para um lugar com maior justiça social, o que é um traço, um compromisso presente na obra queirosiana.

E por falar em intelectual envolvido com o seu tempo, abro o jornal de domingo e, na coluna de Caetano Veloso, leio o surpreendente “Lutas”, escrito por um Caetano que não perdeu o brilho nos olhos dos tempos de “Alegria Alegria!” e que, por meio da sua escrita, defende a Aldeia Maracanã, mais conhecida como Museu do Índio, da ameaça de demolição, já assinada pelo prefeito do Rio.

Sim, o intelectual – artista, escritor, crítico literário, crítico textual, professor universitário – pode estar onde o povo está e, então, a praça e a Universidade serão do povo, mesmo que o céu não seja mais do condor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Eça de Queirós: O Primo Basílio*. Disponível em:

<<http://www.superdownloads.com.br/download/140/eca-de-queiros-primo-basilio-machado-de-assis/>>. Acesso em: 08-02-2013.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição crítica de obras de Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

MOURA, Helena Cidade (Org.). *O crime do Padre Amaro*. Edição crítica baseada nas versões de 1875, 1876, 1880. Porto: Lello & Irmão, 1964.

REIS, Carlos; CUNHA, Mari do Rosário (Eds.). *O crime do Padre Amaro*. Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

ROSA, Alberto Machado da. *Eça, discípulo de Machado? Um estudo sobre Eça de Queirós*. 2. ed. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1979.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva*. Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis. Campinas: Unicamp, 2003.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

VELOSO, Caetano. Lutas. *O Globo*, 20/01/2013, Segundo Caderno, p. 2.